



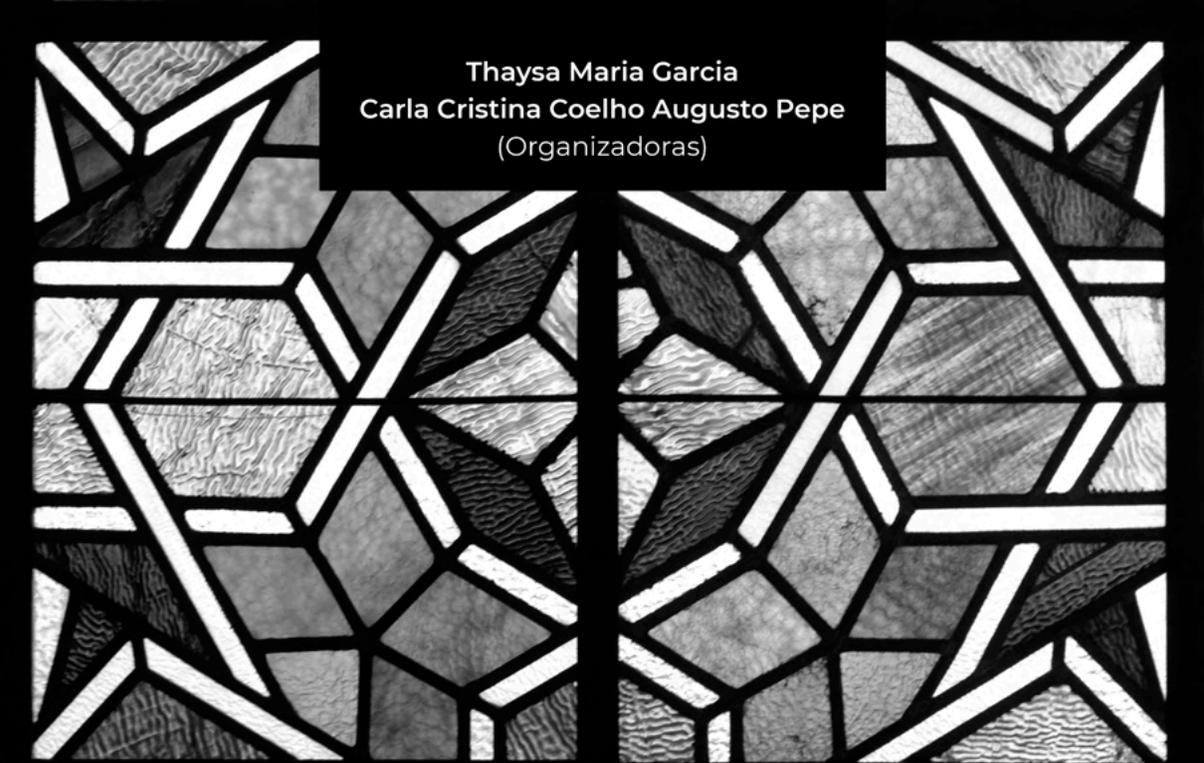
Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe
(Organizadoras)

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

**Atena**
Editora
Ano 2022



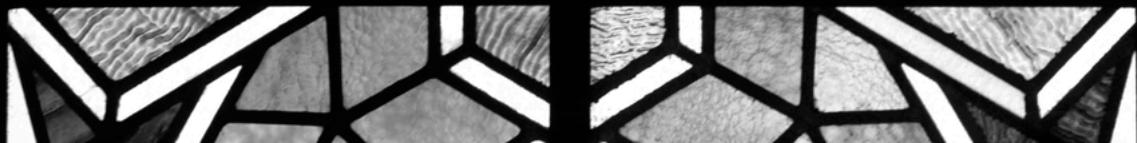


Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe
(Organizadoras)

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

**Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagem da capa

Peter illiciev/CSS-Fiocruz/Fiocruz Imagens

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás



Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco



Programa de preparação para aposentadoria Fiocruz: uma experiência inovadora em saúde do trabalhador

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Supervisão editorial Fiocruz: Cláudia Lima Costa
Organizadoras: Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964 Programa de preparação para aposentadoria Fiocruz: uma experiência inovadora em saúde do trabalhador / Organizadoras Thaysa Maria Garcia, Carla Cristina Coelho Augusto Pepe. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0332-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.326222706>

1. Trabalhadores - Cuidados médicos. 2. Saúde. 3. Aposentadoria. I. Garcia, Thaysa Maria (Organizadora). II. Pepe, Carla Cristina Coelho Augusto (Organizadora). III. Título.

CDD 616.9803

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado aos trabalhadores e às trabalhadoras da Fundação Oswaldo Cruz pelo seu legado, pela partilha de histórias e afetos e pela caminhada ao longo de todos esses anos no *Trilhando Novos Caminhos*.

EPÍGRAFE

*Eu já estou com o pé nessa estrada
Qualquer dia a gente se vê
Sei que nada será como antes amanhã
Sei que nada será como está, amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de sol
(Nada será como antes, Milton Nascimento e Ronaldo Ribeiro)*

Essa canção tem sido ao longo dos anos tocada no encerramento de cada edição do *Trilhando Novos Caminhos*, configurando-se afetivamente como sua canção-tema.

PREFÁCIO

O Programa de Preparação da Aposentadoria da Fiocruz foi criado em 2010 como uma ação de saúde do trabalhador. Já no seu lançamento, quis marcar um significado pouco comum entre os tipos de programas de empresas: a aposentadoria é um direito e este está no campo da saúde. De que saúde falamos? Daquela que não é apenas individual, mas socialmente determinada.

Desde a década da 90, a aposentadoria vem sofrendo uma série de reformas no seu conjunto de legislações no nosso país, perdendo a sua garantia de dar uma condição digna a quem deixa o trabalho mais perto do final da vida. O próprio sentido do trabalho, que já era central na organização dos sujeitos na sociedade capitalista, vem se modificando na história, invadindo os lares e famílias mais recentemente com as transformações digitais e se impondo como não tendo mais um fim. Seja porque, de fato, a facilidade de hoje se trabalhar de qualquer lugar estimula a criatividade humana, seja também porque há uma dificuldade real de se aposentar pela complexidade de regras e redução dos ganhos ao final.

Aposentadoria já foi o “ócio no final da vida”; “o fazer tudo o que nunca fiz durante a vida”; “o momento de descanso e cuidado da saúde”; elementos tão comuns nos programas para a sua preparação. O PPA-Fiocruz apresenta um conjunto de ferramentas para lidar com os medos, com as dúvidas, com as inseguranças e estimula a construção de uma história singular no entrecruzamento dos contextos das políticas do nosso país, do jurídico, do cuidado da saúde, do financeiro, da família, dos amigos. Ele também incentiva a formação de redes, de encontros e acompanha os trabalhadores.

Esta publicação celebra os dez anos contando suas muitas histórias: já foi apenas para servidores e hoje se volta para os trabalhadores de todos os vínculos. Já foi inteiramente presencial, mas realizou uma edição durante a pandemia da Covid-19 digitalmente. Já foi mais voltado para as unidades do Rio de Janeiro, mas já executou edições regionais e na sua última contou com a participação de trabalhadores de toda a Fiocruz.

Vida longa ao PPA-Fiocruz e ao sentido que permaneceu em todas as suas edições: a aposentadoria é um direito do trabalhador!

Andréa da Luz¹

1 Coordenadora-geral de Gestão de Pessoas (Cogepe/Fiocruz)

APRESENTAÇÃO

Pensar a aposentadoria na contemporaneidade do século XXI é um grande desafio, que requer coragem e determinação. Ao mesmo tempo em que a expectativa de vida aumenta, as inseguranças e condições de subsistência parecem ir na contramão.

É nesse paradoxo que esse livro se apresenta como uma alternativa potente de pensar o processo de aposentadoria a partir das suas diversas dimensões e perspectivas, reconhecendo e convidando os trabalhadores e trabalhadoras a serem protagonistas das suas histórias, se propondo como diretriz para revisitar trajetórias e avaliar, de forma refletida e planejada, a nova jornada.

Trazer o tema da aposentadoria a partir do campo da saúde do trabalhador, além de necessário, é coerente com seus pressupostos, tendo em vista a perspectiva de cuidado, participação, promoção e vigilância em saúde no seu conceito mais ampliado, em consonância com os princípios do SUS, da dignidade e dos direitos humanos.

É uma celebração mais de 10 anos de história do Programa de Preparação para Aposentadoria, coordenado pela equipe do Núcleo de Atenção Integral à Aposentadoria da Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fiocruz e conta com a generosa participação de pesquisadores e referências importantes sobre o tema, nas diversas *práxis*.

Esse livro concentra uma coletânea de saberes, experiências e estudos que tangenciam os vários aspectos que influenciam a tomada de decisão e acolhe as dúvidas, anseios e conflitos que atravessam o dilema da aposentadoria.

Sem desconsiderar o pragmatismo burocrático, os artigos apresentam a aposentadoria como um recomeço, exaltando a singularidade do *eu* e autonomia de *si*, *para si e por si*.; a partir das próprias histórias, anseios e necessidades, convocando a projetar o futuro, a partir do tempo presente.

Marisa Augusta de Oliveira¹

¹ Coordenadora de Saúde do Trabalhador (CST/Cogepe/Fiocruz)

INTRODUÇÃO

Desde sua concepção, o projeto do Programa de Preparação para Aposentadoria -Fiocruz *Trilhando Novos Caminhos* (PPA-Fiocruz) já se mostrava como uma iniciativa inovadora. Era distinto daquilo que se fazia em Saúde do Trabalhador (ST) em relação aos que estavam próximos da aposentadoria e, ao mesmo tempo, distante das políticas de gestão de pessoas. Pautava o trabalhador mais velho e a aposentadoria em ST para além do prisma da invalidez. Embora já houvesse no Brasil um histórico de PPA, abordar o tema em Saúde do Trabalhador numa perspectiva de promoção de saúde e prevenção de agravos em uma organização pública complexa era algo novo.

Ao longo dos anos, uma série de fatores parece ter contribuído para condições de êxito. O programa se fortaleceu em termos teóricos e técnicos, o que lhe conferiu reconhecimento interno e externo aos muros da Fiocruz. O primeiro fator possivelmente se refere à qualidade de seu corpo de profissionais, que, em um ambiente favorável à reflexão e à produção de conhecimento, pôde se debruçar sobre um problema e buscar estratégias para lidar com ele. Do mesmo modo, o apoio institucional em permitir dedicação exclusiva da equipe também contribuiu para que houvesse investimento de tempo, estudos e refinamento de técnicas e abordagens. A capacidade de sinergia da própria organização, que conta com profissionais de diferentes áreas de conhecimento e que contribuem com o programa como *parceiros*, também foi fator de relevância nesse cenário.

O êxito se confirmava internamente à medida que a necessidade de sensibilização para divulgar e esclarecer sobre o programa diminuía e o reconhecimento público dos trabalhadores aumentava. A adesão de todas as unidades da Fiocruz em todos os cargos e perfis profissionais também demonstrava que as ações Núcleo de Atenção Integral à Aposentadoria (Naia) se estabeleciam de modo firme, especialmente em uma organização marcada pelo conhecimento e elevados níveis de escolaridade de seus trabalhadores. Externamente, o Núcleo passou a receber constantemente profissionais de outras organizações que buscavam referências para construir suas próprias ações em preparação para aposentadoria. Além disso, a participação em congressos e eventos da área evidenciavam a singularidade do PPA-Fiocruz numa perspectiva de saúde dentro de uma abordagem complexa.

Consolidado como parte da política institucional de saúde dos trabalhadores da Fiocruz, sua missão é oferecer espaço de reflexão, planejamento e cuidado para com o processo de transição para a aposentadoria e atenção integral ao trabalhador mais velho, dentro da lógica de prevenção de agravos e de promoção da saúde. Por meio de uma abordagem crítico-reflexiva e de autonomia, atua em sinergia com diversos atores institucionais e externos no sentido de promover diversidade etária harmônica e condições de trabalho e aposentadoria saudáveis e dignas aos mais velhos.

O programa e demais ações do Naia foram se tornando cada vez mais substanciais, desde suas temáticas até seus recursos metodológicos. O acolhimento dos trabalhadores, a escuta de suas ricas histórias de vida e de envolvimento com a instituição permitiram o amadurecimento de sua missão, a compreensão de seu público-alvo – o trabalhador mais velho – e de seu lugar estratégico, em que coloca a Saúde do Trabalhador em interface com o envelhecimento, a aposentadoria, a gestão do conhecimento, a organização e centralidade do trabalho. Diante disso, fez-se necessária a dedicação constante em relação a teorias e técnicas, daí o movimento em sistematizar e compartilhar conhecimento alinhado à missão da própria de uma organização de produção de conhecimento.

A partir disso, a cada ano era mais evidente a necessidade do registro da metodologia e relato das experiências. No bojo da celebração dos 10 anos do PPA-Fiocruz, a equipe desenvolveu o projeto de organizar um livro sobre o histórico e a metodologia do programa e temáticas afins, sob apoio e financiamento do Programa Fiocruz Saudável¹. Além do marco de celebrações de uma década de programa e de uma perspectiva de gestão do conhecimento, o livro **Programa de Preparação para Aposentadoria Fiocruz: Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador** pretende sistematizar conhecimentos e reflexões acumuladas e ser uma ponte de diálogo com profissionais da área, pesquisadores e estudantes.

O livro, portanto, se propõe a realizar a descrição de um modelo de prática inovadora em Saúde do Trabalhador, a descrição do PPA-Fiocruz em seus aspectos históricos, teóricos e metodológicos. De tal modo, se inicia com o resgate histórico das condições que permitiram a construção do projeto do programa por parte da equipe fundadora, Nadja Moraes e Conceição Robaina. Na sequência, o programa em si é descrito pela psicóloga que atua na equipe em termos teóricos e metodológicos atualizados, haja vista o processo de aprimoramento contínuo e alinhamento à escuta do trabalhador e do contexto. Na sequência, um artigo é dedicado ao acompanhamento pós-PPA, remodelado recentemente e descrito pela equipe.

Nesse ponto vale destacar que, ao longo dos anos, a prática do Núcleo se estabelece na lógica do aprimoramento contínuo, no refinamento de técnicas e em abordagens que se alinham de forma mais adequada às condições dos trabalhadores e ao contexto em que se inserem. Seguindo a base da ST, que é a escuta do próprio trabalhador, o programa permanece se desenvolvendo, apresentando-se distinto em muitos aspectos da concepção original. Contudo, guarda em sua essência os valores norteadores da ST e da abordagem crítico-reflexiva e de autonomia. No ano de 2022, por exemplo, se consolida mais uma etapa do método, uma vez que a pandemia de Covid-19 conduziu à adaptação das práticas para um modelo *on-line*. No bojo da adversidade e da trágica crise sanitária, o Núcleo agregou à metodologia novas abordagens de atenção integral aos trabalhadores participantes do

¹ Programa com ações integradas de saúde do trabalhador, biossegurança e gestão ambiental com o objetivo de produzir saúde e sustentabilidade ambiental na Fiocruz.

PPA-Fiocruz, que serão devidamente descritas em momento oportuno.

É relevante para o leitor compreender que se procurou trazer artigos em uma linguagem acadêmica sobre as temáticas trabalhadas no programa e que são objeto de atenção do corpo técnico. Ao longo do PPA, embora tratados por pesquisadores e especialistas, os temas são trabalhados em uma linguagem mais acessível a um público que não necessariamente domina determinada área de conhecimento, embora tenha altos níveis de escolaridade formal. No programa, por exemplo, são abordados de forma dinâmica, dialógica e crítica, de modo que o grupo tenha informação de qualidade com especialistas ao mesmo tempo que seja capaz de compreender suas condições de vida e recursos, assim como estabelecer planos e projeção de futuro.

A troca de experiências é constante, o que amplia possibilidades de aprendizagem, reflexão, planejamento e apoio social e emocional. Entendemos que a vivência dos ciclos finais de trabalho e a preparação para aposentadoria envolvem diversas dimensões de saúde que não se limitam às biológicas, mas também se referem à qualidade das relações interpessoais, rede de apoio e cuidado, e inúmeros recursos capazes de produzir saúde e bem-estar. Procurou-se traduzir em uma linguagem mais técnica e acadêmica aquilo que fundamenta e compõe o fazer do PPA-Fiocruz.

Cabe destacar o papel da equipe no desenvolvimento do programa e também no livro. Além de conhecer profundamente o grupo de trabalhadores de cada edição do programa, planejar as ações e liderar as atividades com convidados externos, a equipe conduz atividades de sua *expertise* e dinâmicas, participa ativamente das discussões e do manejo do próprio grupo e oferece suporte individual aos trabalhadores. Assim, além da concepção do livro, os integrantes da equipe assinam alguns dos artigos nas respectivas áreas de atuação.

Aos artigos concebidos pelo corpo técnico, que versam diretamente sobre o programa, foram agregados os de outros especialistas e pesquisadores das diversas áreas sobre temáticas afins, que têm interface com Saúde do Trabalhador, aposentadoria e envelhecimento. A publicação traz artigos produzidos por convidados e parceiros históricos do PPA-Fiocruz, que ao longo dos anos vêm contribuindo de forma consistente, por meio de atividades as mais diversas, com informação, estímulo à reflexão, à crítica e à autonomia dos participantes, bem como para um ambiente de conhecimento, partilha e afeto, tão característico do programa.

O fortalecimento de uma equipe de Saúde do Trabalhador que desenvolve ações de promoção de saúde, cujos integrantes são da mesma organização e estão sujeitos à mesma cultura e atravessamentos que seu público-alvo, agrega à experiência do PPA uma abordagem mais próxima, que facilita a participação do trabalhador. Deste modo, na sequência, ainda no Eixo 1 do livro, trata-se do tema interdisciplinaridade, característica do Núcleo e um dos fatores de êxito no desenvolvimento de suas ações, uma vez que sua equipe é composta de forma diversa com relações horizontais de partilha e contribuição.

O artigo é assinado por Nelson Neto, assistente social que já fez parte da equipe, e por Jefferson Lee.

Finalizando o primeiro eixo, é descrita a experiência do *Diário de Trajetória*, um projeto de destaque no programa desenvolvido por profissionais da Assessoria de Comunicação da Coordenação de Gestão de Pessoas da Fiocruz, Eduardo Muller e Glauber Tiburtino. O *Diário* é construído pelos trabalhadores e pela equipe de Comunicação e compõe um dos momentos mais afetivos do programa na etapa de encerramento. Agrega em si a memória dos trabalhadores, ao passo que remonta à história institucional e serve como uma homenagem aos que dedicaram parte de suas vidas ao trabalho.

O livro segue com o segundo eixo temático *Aspectos pragmáticos da aposentadoria*, com artigos que discorrem sobre a aposentadoria, PPA e educação financeira, assinados pelas pesquisadoras de Psicologia Social e do Trabalho, Sílvia Amorim e Fabrícia Prado. Cabe destacar que, embora o programa se fundamente em referenciais de Saúde do Trabalhador, achamos relevante compreender como esse tipo de ação foi inicialmente concebida e registrada na literatura sobre preparação para aposentadoria, especialmente para nos situarmos teórica e tecnicamente e estabelecer diálogo com profissionais e pesquisadores tanto da ST quanto das demais áreas.

No terceiro eixo são discutidos temas que envolvem envelhecimento e promoção da saúde em seu sentido amplo e complexo, tal qual propõe a Organização Mundial da Saúde (OMS). Assim, o envelhecimento é tratado em seus diversos aspectos: biológico, subjetivo, social etc. O eixo se inicia com o artigo *Envelhecer nos tempos de hoje* do parceiro de longa data do PPA-Fiocruz, o psicólogo pesquisador Carlos Bizarro da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP-Fiocruz). O assunto é abordado em palestras e rodas de conversa com filmes e partilhas e tem sido ao longo dos anos momento de reflexão profunda.

O tema do segundo artigo do eixo, *Relacionamentos afetivos e sexualidade* era constantemente abordado pelos participantes em discussões sobre família, planos de vida, saúde etc. Compreendemos que as relações afetivas e sexuais compõem as condições de saúde e bem-estar e que, apesar de estamos em um movimento de ressignificar a velhice no imaginário social, o tema ainda é negligenciado e visto como tabu nos espaços de saúde desse público. O que inicialmente era tratado de forma indireta ao abordar envelhecimento e família, por exemplo, passou a compor os módulos educativos do programa. A partir desse entendimento, convidamos o pesquisador Thiago Almeida, para assinar o artigo *Idadismo Afetivo-Sexual* e para conduzir discussão junto ao grupo de trabalhadores, tema que deve estar no programa de forma contínua.

Em seu aspecto biológico e de recursos físicos, o PPA-Fiocruz traz o saber médico ao acesso de seus participantes em palestras e diálogo, tanto na perspectiva da prevenção do adoecimento e da deterioração das condições de saúde física quanto da perspectiva do cuidado daqueles que envelhecem à nossa volta, como pais e sogros. A médica geriatra e

pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP-Fiocruz), Valéria Lino, assina o artigo que versa sobre o envelhecimento do corpo. Como desdobramento da dimensão física do envelhecer, seguem ações sobre nutrição e atividade física como formas de promover saúde e prevenir agravos com especialistas que atuam em ST na própria Fiocruz. Assim, seguindo o objetivo do livro, convidamos o educador físico Bruno Macedo e as nutricionistas Débora Oliveira e Wanessa Natividade para assinar o artigo sobre o tema.

Entende-se que também fazem parte das acepções de saúde do indivíduo suas redes de relações, sejam elas de família, trabalho, amizades etc. Nesse sentido, trazer discussões e dinâmicas sobre o assunto, que tem impacto significativo no envelhecer e na aposentadoria, se mostra como recurso valioso para a construção de planos saudáveis e harmônicos que envolvam autonomia sem desconsiderar a rede de apoio. Ainda dentro do eixo promoção da saúde e envelhecimento, a assistente social cofundadora do programa e parceira Conceição Robaina trata dos temas família e rede social no artigo *De volta ao começo: preparação para aposentadoria e família*.

No quarto eixo, são abordados temas caros ao PPA-Fiocruz, os que envolvem Saúde do Trabalhador e o envelhecer no trabalho. Afinal, por que abordar ST quando o trabalho parece não ser um elemento tão central na vida dos sujeitos? O tema Saúde do Trabalhador no PPA-Fiocruz é conduzido pela autora do artigo, Carla Pepe, sendo parte da expertise da equipe. Cabe ressaltar que, embora o tema seja tratado no grupo do PPA-Fiocruz com dinâmicas, palestras e discussões e esteja presente na concepção do próprio programa, o trabalhador mais velho e a aposentadoria ainda não se configuram plenamente como objetos da ST. Isso faz com que esse artigo em específico ocupe lugar de destaque numa discussão relevante e necessária ao campo.

Os temas *sentidos do trabalho* e *saúde mental* são conduzidos por Renata Mendes, psicóloga ergonomista da Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fiocruz que já fez parte da equipe no Naia e que historicamente desenvolve atividades sobre os temas com os grupos de participantes. Ao longo dos anos, temas específicos que envolvem sofrimento no trabalho constantemente apareciam nas falas dos trabalhadores, nas entrevistas e nos módulos educativos. Diante da experiência com esses grupos, compreendeu-se que situações de sofrimento pareciam favorecer aposentadorias sem desejo e, conseqüentemente, com mais chances de adoecimento e insatisfação. Nos últimos anos, a pesquisadora Terezinha Martins da Unirio tem sido convidada para conduzir palestras e rodas de conversa que permitam nomear situações de sofrimento, compartilhar experiências, construir estratégias de enfrentamento coletivas e individuais e apoiar o entendimento de que aposentar como fuga do sofrimento que porventura assole o trabalhador pode colocá-lo em situação de ainda mais sofrimento. Assim, a partir da escuta dos trabalhadores, entendemos que essa é uma questão fundamental a ser tratada no programa e que também contribuimos para a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis, especialmente quando a equipe se

coloca à disposição para pensar alternativas de mitigação do sofrimento com o trabalhador.

Ainda no eixo 4, há um artigo produzido por uma das profissionais da equipe, a psicóloga Thaysa Maria Garcia. No PPA-Fiocruz, no último módulo educativo, realiza-se uma “costura” dos temas trabalhados por meio de reflexões sobre a história de vida de cada um. Trata-se de um momento de fechamento dos conteúdos e preparação para os dias de encerramento da edição, configurando-se em uma imensa colcha tecida ao longo de toda edição e dos espaços de reflexão. A partir disso, procurou-se conceber um relato de experiência em função da particular atuação dessa profissional no PPA-Fiocruz ao longo dos anos e do acúmulo de vivências em sua prática profissional com trabalhadores mais velhos e em transição para aposentadoria. Assim, os temas que permeiam o programa são nessa ação específica alinhados numa perspectiva psicológica, que envolve as questões próprias da maturidade, sendo o artigo esse relato.

Entendendo que estabelecer estratégias de planejamento de vida e prospecção de futuro são de suma importância para a preparação para aposentadoria, aqui entendida como processo que vai desde os anos finais trabalho até sua plenitude, concebeu-se para o PPA-Fiocruz uma forma de lidar com o planejamento de modo transversal e abrangente, em que se pudesse utilizar as ferramentas de planejamento para qualquer área da vida. No programa, cada tema envolve o planejamento em alguma medida e há exercícios e atividades com especialista de uma a três vezes ao longo dos meses. O último artigo do eixo, *Projetos de vida, planejamento e aposentadoria*, concebido pela psicóloga Valéria Silva, uma parceira do PPA-Fiocruz desde sua fundação, discute o planejar e replanejar a vida.

Por fim, no eixo *política pública, trabalho e envelhecimento*, abordam-se temas que vem sendo objeto de atenção da equipe na construção de ações no programa e para além dele. Ao produzir o PPA-Fiocruz, seu corpo técnico, por princípios fundamentais, privilegia a escuta do trabalhador para desenvolver suas ações. Porém, não desconsidera o olhar atento ao contexto socioeconômico e político que permeia a vida desses trabalhadores e da própria organização. Do mesmo modo, como ideal, busca transformar suas ações em conhecimento individual e institucional relevante aos trabalhadores. Assim, temas como as novas formas de trabalho permeadas pela tecnologia e precarização, tanto do serviço público quanto do privado, reformas previdenciárias e reconfiguração do papel dos mais velhos no universo do trabalho e sua consequente ressignificação no imaginário social são alvo de reflexões, discussões e proposições.

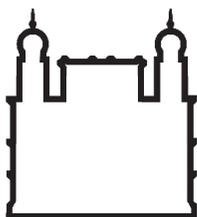
O primeiro artigo desse eixo versa sobre um tema que tem sido pautado na organização também em função do PPA-Fiocruz, o ageísmo ou etarismo. Historicamente estudado pela pesquisadora Lucia França no Brasil, o ageísmo tem sido discutido entre os trabalhadores e institucionalmente, para que sejam construídas políticas que o mitiguem e favoreçam a diversidade etária saudável. Do mesmo modo, diante da experiência da equipe, entende-se como relevante pautar de forma crítica e consistente o debate sobre

o envelhecimento e a seguridade social – tema tratado por meio do artigo concebido pela pesquisadora do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Maria Tereza Pasinato.

Com uma cultura institucional forte e arraigada no ideal de saúde pública na figura majestosa de um castelo e de seu patrono Oswaldo Cruz, a Fiocruz se torna ambiente fecundo para tratar do tema, tanto na perspectiva do trabalhador quanto da organização, e de suas políticas de continuidade do seu legado. Durante o PPA-Fiocruz, percebemos como a relação profunda com a organização, tão peculiar e culturalmente rica, podia se tornar um problema na transição para a aposentadoria devido ao envolvimento e identificação com o trabalho e organização. Percebeu-se a relevância de se debruçar sobre a identidade relacionada ao trabalho e sobre se perceber como parte do legado da Fiocruz. No programa, o tema memória institucional e a retenção do conhecimento são tratados por uma das parceiras do PPA-Fiocruz, a jornalista Érica Loureiro, da Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, que assina o último artigo do livro em que versa sobre os temas.

Diante do resgate e sistematização de conhecimento relativo ao programa, bem como da contribuição de profissionais parceiros que atuam em sinergia com o Núcleo, esperamos poder partilhar nossa experiência, produzir e registrar conhecimento relevante para a Fiocruz e para além dela, contribuindo com as diversas áreas que lidam com saúde, trabalho e aposentadoria, especialmente a Saúde do Trabalhador.

Thaysa Maria Garcia
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe
(Organizadoras)



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



cogepe

gestão de pessoas



FIOCRUZ SAUDAVEL

SUMÁRIO

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA EM SAÚDE DO TRABALHADOR

EIXO 1: PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA DA FIOCRUZ: TRILHANDO NOVOS CAMINHOS

CAPÍTULO 1..... 2

TRILHANDO NOVOS CAMINHOS – AS QUESTÕES EMBRIONÁRIAS

Conceição Maria Vaz Robaina

Nadja Maria Lacerda de Moraes Freire

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227061>

CAPÍTULO 2..... 8

TRILHANDO NOVOS CAMINHOS: UMA EXPERIÊNCIA DE PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA INVADORA EM SAÚDE DO TRABALHADOR

Thaysa Maria Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227062>

CAPÍTULO 3..... 30

E DEPOIS DO PPA?

Thaysa Maria Garcia

Carla Cristina Coelho Augusto Pepe

Joyce Domingues da Silva Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227063>

CAPÍTULO 4..... 37

AÇÕES INTERPROFISSIONAIS E A PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA

Nelson Felix Lima Neto

Jefferson Lee de Souza Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227064>

CAPÍTULO 5..... 45

AS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS TRABALHADORES EM TRANSIÇÃO PARA APOSENTADORIA DA FIOCRUZ: UMA DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DIÁRIO DE TRAJETÓRIA

Eduardo Emílio Maurell Müller Neto

Glauber Queiroz Tabosa Tiburtino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227065>

EIXO 2: ASPECTOS PRAGMÁTICOS DA APOSENTADORIA

CAPÍTULO 6..... 55

APOSENTADORIA E PROGRAMAS DE PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA:

CONCEITUAÇÕES, HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO

Silvia Miranda Amorim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227066>

CAPÍTULO 7..... 63

EDUCAÇÃO FINANCEIRA, PLANEJAMENTO E APOSENTADORIA

Fabrcia Prado Simões

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227067>

EIXO 3: PROMOÇÃO DA SAÚDE E ENVELHECIMENTO

CAPÍTULO 8..... 72

ENVELHECER NOS TEMPOS DE HOJE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Carlos Alberto Bizarro Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227068>

CAPÍTULO 9..... 85

IDADISMO AFETIVOSSEXUAL NA VELHICE

Thiago de Almeida

Deusivania Vieira da Silva Falcão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3262227069>

CAPÍTULO 10..... 96

DE VOLTA AO COMEÇO? PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA E FAMÍLIA

Conceição Maria Vaz Robaina

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270610>

CAPÍTULO 11 108

O ENVELHECIMENTO E O CORPO

Valéria T. S. Lino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270611>

CAPÍTULO 12..... 118

NUTRIÇÃO E ATIVIDADE FÍSICA NO ENVELHECIMENTO

Bruno Macedo da Costa

Débora Kelly Oliveira das Neves

Wanessa Natividade Marinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270612>

EIXO 4: SAÚDE DO TRABALHADOR E OS CICLOS FINAIS DE TRABALHO

CAPÍTULO 13..... 132

SENTIDO DO TRABALHO: MATIZES DO PROCESSO DE APOSENTADORIA

Renata Mendes da Silva Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270613>

CAPÍTULO 14	141
SAÚDE DO TRABALHADOR E ENVELHECIMENTO	
Carla Cristina Coelho Augusto Pepe	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270614	
CAPÍTULO 15	151
CONSIDERAÇÕES SOBRE SAÚDE MENTAL E APOSENTADORIA	
Renata Mendes da Silva Pinheiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270615	
CAPÍTULO 16	159
E QUANDO HÁ ALGO ERRADO NO TRABALHO? ASSÉDIO LABORAL E APOSENTADORIA	
Terezinha Martins dos Santos Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270616	
CAPÍTULO 17	168
O TRABALHADOR MAIS VELHO E AS NUANCES DA MATURIDADE	
Thaysa Maria Garcia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270617	
CAPÍTULO 18	178
PROJETOS DE VIDA, PLANEJAMENTO E APOSENTADORIA	
Valeria Dos Santos Pinto da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270618	
EIXO 5: POLÍTICAS INSTITUCIONAIS E PÚBLICAS E O TRABALHADOR MAIS VELHO	
CAPÍTULO 19	184
O AGEÍSMO NAS ORGANIZAÇÕES: A REPRESENTAÇÃO NEGATIVA DO TRABALHADOR MAIS VELHO	
Lucia Helena de Freitas Pinho França	
Thaysa Maria Garcia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270619	
CAPÍTULO 20	203
ENVELHECIMENTO E SISTEMAS DE SEGURIDADE SOCIAL	
Maria Tereza de M. Pasinato	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.32622270620	
CAPÍTULO 21	208
MEMÓRIA INSTITUCIONAL E RETENÇÃO DO CONHECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE PERMANÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO COM TRABALHADORES EM TRANSIÇÃO PARA A APOSENTADORIA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ	
Érica de Castro Loureiro	

AGRADECIMENTOS	215
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	217

CAPÍTULO 10

DE VOLTA AO COMEÇO? PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA E FAMÍLIA

Conceição Maria Vaz Robaina¹

“Família, família...
Papai, mamãe, tia...
Família, família...
Almoça junto todo dia”
(Antonio Bellotto/
Arnaldo Filho)

Nossa condição de seres gregários e o fato de a família ser a unidade mais concreta e primeira de nossa socialização como Ser Social, coloca a temática da família como elemento fundamental a quem quiser tratar de gente e suas relações.

Na sociedade moderna, a família ganhou centralidade em razão dos modos próprios desse viver cada vez mais atomizados, de forma que ela se tornou sujeito em diferentes políticas sociais, sendo progressivamente autonomizada no que tange à responsabilidade da sustentação, socialização e da produção da felicidade dos seus membros. Este fato tem produzido historicamente diversificados “mitos”, projeções idealizadas, frustrações e sobrecarga para as pessoas em seus arranjos concretos.

No caso específico da aposentadoria, o tema se credencia, já de início, pela própria etimologia da palavra, que sugere o *retorno aos aposentados*, remetendo, logo, ao lar e a seus significados.

O tratamento do tema *família* no PPA-Fiocruz se fundamenta no paradigma da Saúde do Trabalhador, na tradição fundada pelo Movimento Operário Italiano (MOI), que por sua vez se assenta na teoria social crítica – portanto, parte do concreto, da experiência real do trabalhador, que é sujeito. Assim, a temática se credencia também por expectativas recorrentes nos projetos de aposentadoria dos trabalhadores, que dizem respeito diretamente à família, e que nos vêm à luz através do perfil traçado com base em suas entrevistas de adesão ao programa. Tais expectativas se revelam no desejo de viajar pelo mundo com o cônjuge, compensar os filhos pela ausência nos anos de trabalho, criar os netos, dentre tantos outros exemplos. O que chama a atenção nestes projetos é que, em

¹ Doutoranda em Serviço Social pela Uerj. Docente da PUC-Rio. Tecnologista em Saúde Pública aposentada – Fiocruz e assistente social

grande maioria, eles são desprovidos de materialidade, porque dependem de terceiros que não foram consultados a respeito, ou que não coincidem com o momento/planejamento de vida destes parceiros.

Por outro lado, a expectativa de retornar ao âmbito domiciliar também pode revelar medos e inseguranças referidas na qualidade das relações intrafamiliar² (ou a ausência delas) e ao significado de desvalorização social que a esfera domiciliar representa.

O que consideramos decisivo para trabalhar este tema em programas de preparação para aposentadoria é não tomar o conceito de família de cada trabalhador (e seus desdobramentos) como mera expressão de sua subjetividade, da ordem individual daquele sujeito, ou sua resistência a aposentar-se como resultante direta de *desamor* à família ou vida pessoal esvaziada, porque estas interpretações conduzem a uma concepção moralizante e à culpabilização do trabalhador. É necessário ter claro que o conceito de família (de todos nós) é produto de nossa experiência concreta mediatizada³ pelas determinações sócio-históricas. É no âmbito da cultura que se estabelece o *modelo ideal* (como existência na dimensão da ideia) que vai se constituir parâmetro de *família estruturada*, normal, e os roteiros dos papéis de ser (bom) pai, mãe, filho, que não resistem ao confronto com as famílias reais.

Mioto (1997) nos alerta quanto a alguns requisitos fundamentais para trabalharmos com a temática de família: abandonar padrões idealizados e cristalizados para a adequação das famílias, conhecer a realidade dos grupos com os quais trabalhamos e, ainda, reconhecer nossos limites (teóricos, situacionais etc.) e nossas próprias concepções sobre família.

A abordagem com trabalhadores pode partir então da perspectiva de auxiliar o grupo a identificar suas representações pessoais de família⁴. Isto nos permite desenvolver com eles a reflexão de que todos nós tendemos a pensar família a partir da nossa experiência vivida e/ou aprendida em nosso processo de socialização. Sobretudo, acentuar que nossa representação de família ideal só se torna uma questão quando passa a se constituir em fonte de conflitos ao se defrontar com nossa realidade. A constatação de que há variações nas representações do grupo permite introduzir o debate da diversidade dos tipos de família e, conseqüentemente, do conceito de família.

Família tem sido objeto de estudo de inúmeros campos de saber, sem constituir-se especificidade de nenhum deles. Assim, tornou-se um tema complexo e inesgotável. Em

2 No momento em que escrevo este artigo o Brasil e o mundo enfrentam uma pandemia pelo Covid-19 que condicionou toda população ao isolamento social em casa (para os que a tem) por longos meses. A grande imprensa e diversas entidades denunciam o aumento da violência doméstica no Brasil, seja contra mulheres, idosos, crianças e adolescentes neste período de reclusão “voluntária”. A respeito pode-se conferir produções da ONU Mulheres, Conselho Nacional de Saúde e Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueiras (IFF/Fiocruz)

3 Para melhor compreensão do conceito de mediação utilizada aqui sugerimos ver Pontes (2000).

4 Costumo propor aos participantes que escolham uma imagem pensando em “família” dentre colagens diversificadas de revistas que estão expostas aleatoriamente pelo chão. Em seguida, solicita-se que apresentem sua imagem ao grupo dizendo porque a escolheu. O objetivo desta atividade é levar o trabalhador a identificar de forma mais espontânea seu conceito de família. Embora não se solicite que escolham imagens pensando nas próprias famílias, majoritariamente os trabalhadores apresentam suas concepções ilustrando suas experiências singulares.

“Teoria Crítica da Família”, Bruschini (1993) traça um amplo panorama das contribuições de diversas áreas de conhecimento e linhas tendenciais que estabelecem conexões e contraposições entre si. Destas, são os achados da antropologia que vão nos ajudar a responder a provocação popular “Família é tudo igual, só muda o endereço”.

Segundo a autora, a comparação entre sociedades permitiu à antropologia esquematizar características comuns a estes grupos sociais, assim como suas distinções.

A saber:

- Família como unidade de procriação e de consumo.
- Desnaturalização e desuniversalização de família.
- Diferenciação entre família (grupo social concreto) e parentesco, sendo este uma abstração que combina três relações básicas: descendência, consanguinidade e afinidade e que aparecem em composições diversificadas.
- Desconstrução de dois mitos: família conjugal e casamento associado à satisfação sexual.
- Presença universal de estruturas como o casamento, relações de parentesco e a divisão sexual do trabalho.

Estes elementos nos dão embasamento para problematizar junto aos participantes o que é família. A desuniversalização da família na configuração como a conhecemos e a desnaturalização das estruturas familiares nos permite reafirmar seu caráter histórico, enquanto construção humana e, portanto, mutável no tempo e no espaço:

[...] o primeiro passo para estudar a família deveria ser o de “dissolver sua aparência de naturalidade, percebendo-a como criação humana mutável” e observando que as relações muitas vezes coincidentes que conhecemos atualmente entre grupo conjugal, rede de parentesco, unidade doméstica/residencial podem se apresentar como instituições bastantes diferenciadas em outras sociedades ou em diferentes momentos históricos.

A literatura antropológica é rica em dados que atestam a variabilidade das estruturas familiares e que sugerem que se existisse algum grupo “natural” este seria, quando muito, a mulher e sua prole. (BRUSCHINI, 1993, p. 50).

Assim, o conceito de família pode ser expresso como *arranjos familiares*, no plural (MIOTO, 1997), designando configurações diversificadas com funções sociais. Esta definição, no entanto, nos coloca frente a uma nova questão: para que serve a família?

A literatura aponta funções centrais atribuídas à família, com ênfases distintas entre elas de acordo com o campo de saber ou linha teórica, quais sejam: função biológica, econômica, socializadora e ideológica (BRUSCHINI, 1993). São estas funções que vão garantir a reprodução da espécie, o sustento de seus membros (desde quando era unidade de produção até tornar-se unidade de consumo), a formação da personalidade dos indivíduos, a transmissão de bens, hábitos, valores, ideias e padrões de comportamento.

É fundamental considerar que a maior importância atribuída a uma ou outra das

funções da família não significa que as demais estejam sendo descartadas. O estudo da família deve, necessariamente, levar em conta que todas essas funções – econômica, socializadora e reprodutora de ideologia – fazem parte do cotidiano familiar. Por isso, uma definição abrangente e criteriosa de família deve ser capaz de articular o plano econômico ao cultural e ao psicológico. (BRUSCHUNI, 1993, p. 67).

Flexibilizar o conceito de família com os participantes é um passo essencial quando se pretende trabalhar projetos futuros de vida. A busca por um *enquadramento* de seu arranjo familiar nos moldes do *modelo ideal* de família tem sido fonte de muito sofrimento e conflitos intergeracionais, bem como entre os sexos, e atuado como forte limitador de experiências satisfatórias tangíveis.

É tarefa do facilitador do grupo apresentar estes fundamentos teóricos, no limite e linguagem acessíveis às características dos participantes⁵, para favorecer reflexões com algum distanciamento das *opiniões pessoais* (já que de família todo mundo entende), mas utilizando exemplos em que possam se reconhecer. Mais uma vez ganha relevância, o conhecimento sobre a realidade do grupo com o qual se trabalha.

Por esta mesma razão é importante auxiliar o grupo a compreender as raízes históricas pelas quais se formou este parâmetro que rege nossas relações com tamanha força, capaz de definir nossa felicidade. Apresentar as bases formativas da família brasileira, por vezes, permite aos trabalhadores identificarem a conformação de sua própria história familiar.

PUXANDO UM FIO DA MEADA...

A família patriarcal brasileira foi gestada pelo processo de colonização portuguesa que abrangeu sua tradição, dissolvendo em sequência as formas típicas de família de indígenas e negros escravos. Esse arranjo familiar não tinha as funções afetiva e socializadora, mas de transmissão de vida, conservação de bens, prática de um ofício e proteção da honra e da vida.

[...] a família patriarcal caracterizava-se também pelo controle da sexualidade feminina e regulamentação da procriação, para fins de herança e sucessão. A sexualidade masculina se exercia, no entanto, livremente. Os casamentos eram realizados por conveniência, entre parentes ou entre membros de grupos econômicos que desejavam estabelecer alianças. (BRUSCHINI, 1997, p. 67).

Assim como na Europa medieval, não havia na família colonial brasileira qualquer preocupação especial com a intimidade ou privacidade. Do período colonial até meados do século XIX, a família brasileira habitava, em geral, grandes casarões rurais, onde conviviam os filhos, legítimos e naturais, agregados, parentes, velhos e encostados, rodeados de escravos por todos lados, responsáveis por todo funcionamento da habitação. (MELMAN, 1995, p. 40).

5 No PPA-Fiocruz, considerando a natureza da instituição (assentada sobre a ciência) que preside de alguma forma a natureza dos processos de trabalho, é necessário trabalhar algumas temáticas buscando, uma mediação da racionalidade.

Gradativamente a família vai se constituindo num lugar de afeto (entre casal e para com os filhos) e de atenção à infância. Segundo Melman (1995), foram justamente as novas atribuições em relação às crianças que favoreceram a construção desta passagem para a família nuclear sentimental.

No entanto, é importante destacar que essa transição não é universal, referindo-se principalmente à burguesia e à nobreza, posto que se interpunham rigorosos recortes de classe, resultando na convivência de inúmeros modelos de família marcados pela hierarquia econômico-social na sociedade brasileira. Vale lembrar: a história dos diferentes arranjos familiares não é linear, homogênea ou contínua.

Duas observações importantes acerca desta nova conformação de família: embora não seja universal, ela é elevada à condição de modelo ideal. A segunda consideração é que o “enxugamento” das famílias tem as tornado mais vulneráveis frente a situações de crise e mudanças estruturais, como o nascimento de filhos, o desemprego, o adoecimento e a morte, incluindo a aposentadoria.

Há ainda uma questão nevrálgica para se tratar da temática da família – é no seu interior que se fundamenta a divisão sexual do trabalho, a partir da qual se define o grau de autonomia da mulher. As macrotransformações societárias que modificaram os modelos de família marcaram profundamente os papéis de homem e mulher frente à família e ao trabalho. Quando o trabalho passou a ser realizado fora das casas, nas fábricas, destinou-se ao homem a esfera pública e o espaço doméstico, à mulher. Diversos são os estudos que apontam a função social e econômica desta divisão sexual do trabalho e, sobretudo, o caráter hierárquico que imputou às diferenças entre os sexos⁶.

Ganham destaque, para os objetivos deste artigo, os contornos assumidos pelo trabalho do homem, referido à esfera produtiva e pública, valorizado, remunerado (a partir de onde se constrói o patrimônio), associado ao agir com racionalidade. Ao passo que, à mulher, reservou-se a esfera reprodutiva (no sentido biológico e socializador), privada e o trabalho desvalorizado, invisível, não remunerado, associado ao sentimentalismo (ou irracional). A ideologia cuidou de naturalizar e romantizar estas relações e papéis.

Entretanto, estas relações são dinâmicas e não lineares, portanto complexas, e são condicionadas pelas demandas do mercado, progressos tecnológicos, políticas públicas e pelo movimento das próprias mulheres⁷, mas culturalmente permanecem pouco flexíveis. A evidência disso é o fato de que, mesmo após ter conquistado o espaço no trabalho fora (de casa) inclusive em áreas tipicamente dominadas pelos homens, o trabalho doméstico mantém-se como obrigação da mulher, desvalorizado, não remunerado, tal qual o cuidado das crianças, idosos e acamados.

Essa reflexão tem enorme importância no diálogo com o grupo em planejamento da aposentadoria porque são justamente estes fatos que fundamentam aqueles projetos de

6 Sugerimos a leitura dos trabalhos de Hirata (2007), Gama (2014) e Federici (2017) para melhor compreensão do debate.

7 O movimento feminista é um vetor decisivo nas conquistas das pautas femininas.

“compensar os filhos pela ausência nos anos de trabalho”, que em geral revelam a culpa das mulheres por não terem se dedicado integralmente ao papel de cuidado material e afetivo da prole. Ou a resistência dos homens ao retorno ao lar, espaço que aprendeu a desvalorizar.

Se para o homem a aposentadoria significa sofrimento pelo isolamento social e desvalorização por seu retorno ao ambiente doméstico, vez que este é estranho a ele, o mesmo fato pode ter significância distinta para a mulher, seja porque o espaço da casa lhe é íntimo, seja porque ali pode atuar com maior autonomia (em relação ao espaço do trabalho). É, ainda, a oportunidade, verbalizada por muitas, de ‘compensar’ os filhos pela ausência exigida pelo trabalho (a histórica culpa). Entretanto, considerando que a aposentadoria só se verifica (em geral) após os 50 anos, a tendência é que neste período os filhos já estejam exercendo sua vida produtiva; o fenômeno conhecido como “síndrome do ninho vazio” é, então, expressão deste sofrimento do que vimos considerando trabalho.

Mas há que ser considerado também que, se a ascensão do trabalho feminino a postos antes só ocupados por homens é resultante das lutas das mulheres por igualdade, o retorno às atividades domésticas pode ser experimentado individualmente como regressão, retorno ao universo da desvalorização. (ROBAINA, 2019).

Tratar destas determinações vai permitindo aos participantes desvendar as raízes de situações e sentimentos que lhes parecem particular e justificado como sua responsabilidade pessoal. Mas atenção: de modo algum está se afirmando aqui que não é relevante a forma como cada um experimenta estes condicionantes sociais; antes, estamos indicando que ela deve enxergada através destas lentes, com o auxílio do facilitador do grupo.

No entanto, se estas determinações sociais se estabelecem em largo lastro de tempo, as transformações no perfil dos arranjos familiares são mais velozes porque esta diversidade já coexiste na vida concreta. Assim, é necessário que o grupo consiga tomar contato com o processo real de mutação dos agrupamentos familiares – a vida como ela é. A comparação entre a variação do perfil dos arranjos familiares no tempo, elaborado por uma instituição de credibilidade, pode favorecer a desconstrução de modelos idealizados como referência de modo e lugar de felicidade.

A fim de mera ilustração, apresentamos algumas características da família brasileira na forma de quadros comparativos, a partir de dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁸ que podem ser apresentados ao grupo para debate:

8 Vale destacar que o Censo Demográfico é realizado pelo IBGE a cada dez anos. No entanto, o recenseamento previsto para 2020 foi adiado em razão da pandemia do Coronavírus, segundo informações oficiais. Nos intervalos entre os censos, desde 2011, o IBGE divulga anualmente o consolidado do acompanhamento de indicadores trimestrais sobre a força de trabalho e condições de vida da população brasileira. A respeito, ver o *site* do Instituto.

Casais com filhos			
1980	1991	2000	2010
75%	65%	60%	49,9%
Número de filhos / casal			
1960	1990	2012	
6,3	2,5	1,9	

Laços de parentesco	
2000	2010
11	19
Pessoas morando sozinhas	
2000	2010
8,6	12,2

*Fonte: Censo e PNAD⁹-IBGE

Quadros como estes podem ser trabalhados em conjunto ou isolados, com o objetivo de problematizar com os trabalhadores que o conceito cristalizado de família pai-mãe-filho sequer corresponde mais à maioria das famílias brasileiras. Em seu lugar, uma multiplicidade de configurações é encontrada e recriada de forma muito dinâmica. Esta materialização do que teoricamente se argumentou até este momento, por vezes, é libertadora das amarras do “fora do padrão” para o participante e para aceitação da própria experiência familiar, seja da família de origem, da atual situação familiar ou mesmo dos arranjos criados ou projetados pelos filhos adultos. Não é incomum a referência a problemas familiares em razão da própria homossexualidade ou dos filhos, a experiência de ser mãe solo ou de ser fruto de lares chefiados somente por mulheres, a vivência de casamentos desfeitos ou ainda a de nunca ter casado. As experiências dos trabalhadores, verbalizadas ou implícitas, são muito diversas neste campo.

A ilustração também permite a constatação do rápido encolhimento das famílias contemporâneas no Brasil. Este fenômeno tem forte relevância para a aposentadoria.

Tomemos o último Censo realizado no Brasil (2010) para nos aproximar um pouco mais da realidade das famílias brasileiras. A análise dos dados apontou tendências que já vinham sendo desenhadas no perfil registrado nos anos 90. Vale destacar:

- Número reduzido de filhos: média de 1,9 filhos;
- Alta incidência de concepção em idade precoce, com uma suave queda em relação ao censo anterior;

⁹ Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio.

- Aumento da coabitação e união consensual, independentemente da condição econômica¹⁰;
- Predominância de novos arranjos em relação às famílias nucleares;
- Aumento significativo das famílias monoparentais, com predominância das mulheres como chefes de família;
- Aumento das famílias recompostas;
- População proporcionalmente mais velha;
- Aumento de pessoas que vivem só.

Estes dois últimos achados nos remetem diretamente à questão da aposentadoria. O envelhecimento populacional no Brasil tem sido um fenômeno acelerado e desigual. Portanto, só é possível se referir a ele no singular se tomarmos *envelhecimento* como um marco legal, ou seja, relativo aos maiores de 60 anos.

Tais desigualdades marcam, inegavelmente, o processo de envelhecimento do e no Brasil. Os dados demográficos apontam que entre 2005 e 2015 os idosos passaram de 9,98% para 14,3% da população brasileira, distribuídos de forma diferente pelas regiões. As diversidades regionais atribuem disparidades de renda, expectativas de vida, acessibilidade, ofertas de serviços de saúde, entre outros (IBGE, 2016). A mesma fonte atribui às Nações Unidas a projeção de que em 2070 no Brasil a proporção de pessoas com 60 anos ou mais (idosos para a legislação brasileira) irá superar a proporção no mundo. A velocidade deste envelhecimento populacional também é digna de nota, chegando a dobrar em menos de 25 anos. (ROBAINA, 2018).

Assim, associa-lo à aposentadoria significa referir-se a uma parcela da população idosa que pode usufruir do aumento da expectativa de vida aliada ao acesso ao direito do trabalho formal. Ainda assim, essa associação não pode ocorrer sem mediações, porque num país em que as pessoas precisam iniciar sua trajetória de trabalho muito cedo para prover a vida, parte destes trabalhadores atingem o tempo de serviço para aposentadoria antes dos 60 anos. Não menos importante é observar que há rebatimentos de gênero no próprio acesso à aposentadoria – se para as mulheres exige-se tempo de contribuição e idade menores do que dos homens, são elas também que historicamente têm grandes lapsos de contribuição em razão de cuidados com os filhos e ascendentes ou trabalho informal¹¹. Contudo, estamos tratando o envelhecimento como processo, que não obedece aos critérios burocráticos, mas à qualidade das interações histórico-sociais e ambientais. E neste sentido, ganham relevância os modos como trabalhamos e vivemos, assim como as políticas públicas disponíveis para a pessoa idosa.

A apologia da independência, a diminuição física das moradias como signo de casas-dormitório e o encolhimento das famílias têm marcado as últimas décadas. Para que

¹⁰ Bruschini (1993) indica que no Brasil colonial os altos custos do casamento o elitizaram, tornando-o comum apenas entre os senhores de engenho e barões de café.

¹¹ Para maior aprofundamento desta temática sugerimos o Relatório sobre Aposentadorias – CEPAL (2017).

se tenha uma noção, numa comparação entre a PNAD de 2005 e a de 2015, observou-se uma redução do número de pessoas por habitação de 3,20% para 2,87%; um aumento significativo de casais morando sem filhos (de 15,2% para 20%) e o aumento de pessoas residindo sozinhas (10,4% para 14,06%), principalmente na faixa acima dos 50 anos, aumentando após os 60 anos.

O impacto destas transformações vai repercutir sobremaneira na proteção da pessoa idosa (e das próprias famílias, como já afirmamos anteriormente). A diminuição progressiva do número de filhos vai restringindo a geração que pode assumir a assistência de seus ascendentes, num cenário de raras políticas sociais voltadas para essa população e altamente centrado na responsabilização da família.

No entanto, na contramão desta tendência, tem-se verificado um discreto, mas crescente fenômeno conhecido como *geração canguru*, de filhos de 25 a 34 anos morando com os pais, independentemente de terem rendimento próprio e maior escolaridade.

No que se refere a nossa experiência com a preparação para a aposentadoria, há ainda outro elemento digno de nota: diversos trabalhadores são responsáveis por despesas fixas com netos, ainda que não vivam com eles, de forma que a possibilidade de redução de salário na aposentadoria se torna um obstáculo para solicitá-la¹².

Todos estes fatores são apresentados de forma dialogada ao grupo de trabalhadores, com maior ou menor ênfase a depender da sua composição e histórias, provocando-os a identificar onde estes elementos colidem com sua família real e seus projetos, com o cuidado de não sermos prescritivos – e este é o valor do trabalho em grupo: os debates entre os participantes, sua diversidade de experiências e opiniões se encarregam de flexibilizar posições e ampliar horizontes. Cultivar o respeito ao outro e às diferenças é exigência central ao manejo do facilitador.

Entretanto, “as relações sociais que sustentam uma pessoa na sociedade não se restringem à família nuclear ou extensa” (MELMAN, 1999, p. 174). Por esta razão, solicitamos que os participantes construam, através de uma atividade prática, o mapa de sua rede social para introduzir essa temática. Pedimos que registrem com quantas pessoas se relacionam em cada área da vida (família, trabalho, amigos, comunidade etc.) e, na sequência, com quantas destas pessoas pode contar, a partir de seus próprios critérios. Em seguida, pedimos que o trabalhador transfira estes dados para um gráfico (em formato de pizza) e que o analise, identificando em que área tem relacionamentos mais frágeis ou mais fortes e que intervenções precisa fazer em sua rede pensando em sua aposentadoria. Em geral, a carga horária de trabalho, aliada ao tempo de deslocamento no trânsito ou de preparo para ir trabalhar ocupam a centralidade da vida do trabalhador e fragilizam seus vínculos externos. No caso particular da Fiocruz (2020), por sua localização e extensão, o

12 É possível prospectar que no cenário pós-pandemia da Covid-19, a se confirmar o panorama de crise de empregabilidade e rebaixamento do salário médio, os aposentados serão responsáveis por diversas demandas financeiras da família extensa, em razão de serem a única renda fixa. Esta crise mundial vai, sem dúvida alguma, ter repercussões na composição dos arranjos familiares.

trabalhador tende a usar uma das opções de alimentação no *campus*, fazer sua formação acadêmica nas unidades de ensino da instituição, a utilizar a creche local para seus filhos, além de fazer uso de todos os demais recursos disponíveis - a instituição passa então a atuar como força que o puxa para dentro.

Esta troca sobre os vínculos interpessoais permite apresentar ao grupo um conceito ampliado de *rede social*.

Pode-se definir a Rede Social de Sustentação (Social Network) como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como importantes ou diferentes da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde a um nicho interpessoal, uma microecologia da pessoa (SLUSKI apud MELMAN, 1999, p. 175)

Nesta mesma obra, Melman vai apontar a capacidade de proteção de uma rede social estável e forte e destaca “a necessidade de utilizar estratégias e ações orientadas para o fortalecimento deste tecido de relações de apoio e sustentação, buscando ampliar e intensificar os mecanismos de produção de solidariedade entre as pessoas” (MELMAN, 1999, p. 175).

Nesta intenção, recorreremos ao conceito de *autonomia* para auxiliar os trabalhadores no processo de análise crítica e fortalecimento da própria rede. Após problematizar este conceito que, em geral, é interpretado como independência, sobretudo, em uma sociedade que cultua o individualismo, convidamos os trabalhadores a conhecerem uma outra concepção de autonomia:

Entendemos a autonomia como a capacidade de um indivíduo gerar normas, ordens para sua própria vida, conforme as diversas situações que enfrente. Assim não se trata de confundir auto-suficiência (sic) nem com independência. Dependentes somos todos; a questão dos usuários é antes uma questão quantitativa: dependem excessivamente de apenas poucas relações/coisas. Esta situação de dependência restrita/restritiva é que diminui a sua autonomia. Somos mais autônomos quanto mais dependentes de tantas mais coisas pudermos ser, pois isto amplia as nossas possibilidades de estabelecer novas normas, novos ordenamentos para a vida. (KINOSHITA, 1996, p. 57).

Ainda que Kinoshita (1996) esteja utilizando o conceito para analisar a situação dos usuários de saúde mental, a concepção é abrangente e responde à condição de todos e qualquer um. Assim, ampliar a autonomia passa por alargar sua rede social (de dependências) de forma a *depende pouco, de muitas coisas*. Neste sentido, o mapeamento da própria rede de relações desnuda para o trabalhador suas fragilidades sociais e seus pontos de apoio, permitindo que ele possa fazer gestões para transitar seus vínculos de sustentação para fora da ambiência do trabalho. Também por isso, indicamos que o trabalhador replique o mapa, agora em parceria com quem compartilha a vida com ele. A preparação para aposentadoria, então, passa a requerer um planejamento consciente de expansão de atividades e vínculos que lhe sejam significativos (afetivos, comunitários,

políticos, acadêmicos, espirituais, de lazer...) e suficientemente flexíveis, para que lhe garanta uma rede social com força de sustentação.

Respondendo à provocação inicial deste artigo: De volta ao começo? Nem nós, nem as famílias somos os mesmos!

REFERÊNCIAS

BRUSCHINI, C. "Teoria crítica da família". In: AZEVEDO, M.; GUERRA, V. N. (Org.) *Infância e violência: fronteiras do conhecimento*. São Paulo, Cortez, 1993.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). *Panorama Social de América Latina*. Chile: Cepal, 2017.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Pandemia aumenta denúncias de negligência contra população idosa no Brasil*. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1299-pandemia-aumenta-denuncias-de-negligencia-contra-populacao-idosa-no-brasil>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FIOCRUZ. *Violência doméstica na quarentena*. Disponível em: <https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/violencia-domestica-na-quarentena-sdc-0508>. Acesso em: 10 nov. 2020.

_____. *Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira*. COVID-19 e Saúde da Criança e do Adolescente. Ago., 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencaocrianca/covid-19-saude-crianca-e-adolescente>. Acesso em: 10 nov. 2020.

GAMA, A. *Trabalho, família e gênero – impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

_____. Reestruturação produtiva, cidadania e gênero. In: COSTA, A. A. et al. *Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero*. São Paulo: CUT, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas>. Acesso em: 13 nov. 2020.

KINOSHITA, R. T. Contratualidade e reabilitação psicossocial. In: PITTA, A. (Org.). *Reabilitação psicossocial no Brasil*. São Paulo, HUCITEC, 1996.

MELMAN, J. Intervenções familiares no campo da Reforma Psiquiátrica. In: FERNANDES, M. I. A. (Org.). *Fim de século: ainda manicômios?* São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1999.

MIOTO, R. Família e serviço social: contribuições para o debate. In: *Serviço Social e Sociedade*, 55. São Paulo, Cortez, 1997.

PONTES, R. Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social. In: *Capacitação em Serviço Social e política Social*, módulo 04. Brasília: CFESS/CEAD/NED-UNB, 2000.

ROBAINA, C. M. V. Sentidos do trabalho e seu caráter adoecedor na aposentadoria. In: Universidade de Salamanca. 56º Congresso Internacional de Americanista. Salamanca, 2018.

_____. Sentidos do trabalho e o impacto de classe e gênero na aposentadoria. In: CFESS; ABEPSS; ENESSO; CRESS / 8ª Região. (Org.) XVI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Brasília: CFESS, 2019.

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

www.arenaeditora.com.br 

contato@arenaeditora.com.br 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

www.facebook.com/arenaeditora.com.br 

PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA FIOCRUZ:

Uma Experiência Inovadora em Saúde do Trabalhador

www.atenaeitora.com.br 

contato@atenaeitora.com.br 

[@atenaeitora](https://www.instagram.com/atenaeitora) 

www.facebook.com/atenaeitora.com.br 